



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: PROPOSTA DIDÁTICA INTERDISCIPLINAR, A PARTIR DA ANÁLISE DA OBRA “VIDAS SECAS” DE GRACILIANO RAMOS

Irlane de Jesus Silva ¹

Roberto Pereira de Novais ²

Glhebia Gonçalves de Oliveira Dourado ³

Resumo: Esta pesquisa intentou analisar a interação entre natureza e sociedade expressa pela paisagem geográfica, a partir do texto da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Por meio de uma abordagem qualitativa, realizou-se levantamentos documental e bibliográfico que permitiram perceber que interdisciplinaridade em sala de aula adquire uma relevância significativa para o processo ensino-aprendizagem em Geografia. Tendo em vista o quanto a literatura regional se aproxima da ciência geográfica, os fenômenos representados no texto literário realçam aspectos que podem ser contextualizados no ensino de Geografia, embora façam parte de diferentes áreas do conhecimento, revela-se expressa relação entre sujeito e mundo através da construção da paisagem geográfica.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Literatura; Interdisciplinaridade; Paisagem Geográfica.

Introdução

Com a redemocratização da política brasileira, a partir dos anos 1980, a educação e, especificamente, o ensino, tiveram que ter suas finalidades refletidas, diante das transformações político-econômico-social e cultural. Segundo Libâneo (2006, p. 21), “a transformação geral da sociedade repercute, sim, na educação, nas escolas e no trabalho dos professores” e, sendo assim, as mudanças impactam, significativamente, não somente o currículo, mas, também a didática do professor que passou a buscar possibilidades de formação profissional que se adequasse às novas mudanças. A Geografia que se lecionava antes dessas transformações na sociedade brasileira, acabava assumindo um papel único e dissociável das demais disciplinas do currículo escolar, desconsiderando conhecimento totalizante do ser humano na construção do conhecimento geográfico, o que tornava o ensino fragmentado, desinteressante,

¹ UNEB- Campus-VI. Contato: lanedjesus757@gmail.com

² UNEB- Campus-VI. Contato: galonovaes@gmail.com

³ UNEB- Campus-VI. Contato: glhebia@hotmail.com



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

monótono e decorativo, principalmente, pelo fato de não assumir um “diálogo” com outras áreas do conhecimento.

A necessidade de uma Geografia que dialogasse com o mundo, que possibilitasse o conhecimento através de diferentes visões, estimulou o professor assumir outros desafios, propostos pelos documentos publicados ao final dos anos 1990, dentre os quais se destacam, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que passaram a orientar o ensino da Geografia como saber interdisciplinar, que precisava transcender seus limites conceituais e buscar a interatividade com as outras ciências sem perder sua identidade e especificidade (BRASIL, 2000).

Reconhecendo as inúmeras dificuldades enfrentadas pelo professor de Geografia na busca por uma prática docente mais significativa para o estudante, o presente artigo é fruto de uma pesquisa que identificou a descrição da paisagem geográfica, como resultado da relação entre sociedade e natureza, e analisou-se a possibilidade de, conduzir os estudos da paisagem, desenvolvidos em Práticas de Ensino em Geografia, para um contexto interdisciplinar nos anos finais do Ensino Fundamental. Embora façam parte de áreas distintas do conhecimento, a linguagem literária pode trazer evidências na construção do espaço geográfico, especificamente, na paisagem, em um determinado momento histórico.

No curso de formação de professores de Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), as atividades de Práticas de Ensino, permitiram perceber que a Literatura oferece possibilidade de estudo da paisagem geográfica para o ensino de Geografia na Educação Básica. Para tanto, propomos a construção de um “diálogo”, entre o ensino de Geografia e Literatura Brasileira, tendo como embasamento teórico, os escritos de Libâneo (2006; 2013), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) que defendem o trabalho interdisciplinar em sala de aula e a necessidade de o professor desenvolver uma didática que seja significativa para o estudante. Somou-se aos estudos bibliográficos, o levantamento documental a partir da análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs (2000) do Ensino Médio, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e das



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetitê, BA

Orientações Curriculares para o Ensino Médio, desses documentos foram analisadas sugestões propostas ao professor para as aulas de Geografia.

Breve abordagem teórica sobre interdisciplinaridade como proposta didática

A ideia de interdisciplinaridade dentro de um ambiente escolar surge a partir da Lei Nº 5.692/71, entretanto, sua aplicação adquire uma maior dimensão no currículo escolar, como proposta para a prática docente, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases, a LDB (1996), pois, acreditava-se em um novo modelo de aula pautado num ensino que instigasse uma maior potencialidade do aluno em sala de aula. Com isso, o ensino de Geografia “no esforço de estabelecer uma unidade na diversidade, de se abrir a outras possibilidades mediante uma visão de conjunto, muito pode auxiliar para romper a fragmentação factual e descontextualizada” (BRASIL, 2000, p. 32). Com a inserção dos PCNs, rompeu-se com aquelas práticas que não proporcionava ao aluno um incentivo, despertando nele a busca por conhecimento, pois até então se via um ensino voltado na transmissão do conhecimento pelo professor, e o aluno um mero receptor de tudo que o professor transmitia, defendida por Paulo Freire como educação bancária.

Os estudos freirianos influenciaram o ensino de Geografia que adquiriu novas dimensões a partir da redemocratização brasileira no âmbito político, econômico, social e cultural, impactando o cenário educacional de modo que, no âmbito do ensino, a Geografia também acompanhou em processo lento essas mudanças, desafiando o professor a incorporar na sua prática pedagógica, ligações com outras áreas do conhecimento no currículo de Geografia, responsabilizando em oferecer um ensino contextual, globalizante e total. O resultado foi uma gama de reflexões acerca de uma prática em sala de aula enraizadas em modelos pouco diversificados.

Nessa perspectiva, Albuquerque (2011) afirma que os Parâmetros Curriculares Nacionais foram fundamentais, num espaço de sala de aula, para fomentar um ensino em que o professor parta daquilo que está próximo ao aluno, numa concepção local. Assim, a interdisciplinaridade contribui na condução do saber escolar, e também advoga que o



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

estudo do meio possibilita ao aluno apreender a Geografia a partir de sua realidade e da realidade dos outros.

Por meio de uma linguagem literária, propomos nesse artigo, a necessidade de se realizar um trabalho interdisciplinar entre o ensino de Geografia e análise de obras literárias que contemplem o conteúdo proposto pelo professor. Embora façam parte de áreas distintas do conhecimento, a linguagem literária pode trazer evidências na construção do espaço geográfico em um determinado momento histórico, vez que a Literatura pode ser explorada como resultado de um processo, e não apenas como ilustração para o ensino de Geografia, considerando, que a Literatura acaba por refletir as condições históricas e geográficas em que foi composta (ROSA e DIAS, 2017, p. 30 *apud* SILVA e BARBOSA 2014, p.86).

Por que “Vidas Secas” de Graciliano Ramos

A Literatura prevista pela BNCC traz reflexões acerca das relações do homem com o mundo, estabelecendo críticas sobre a sociedade e a vida em um determinado contexto histórico, e a Geografia também apodera desses mesmos objetivos, pois é responsável pela denúncia social em trazer reflexões sobre homem e suas relações com o mundo. Foi pensando nessa aproximação existente nos componentes curriculares que contextualizamos a obra “Vidas Secas” ao ensino de Geografia, onde a paisagem é o elemento central analisado na obra. Santos (1988) descreve que a paisagem é tudo aquilo que nós vemos, e que nossa visão alcança, formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. Dessa forma, os escritos de Graciliano Ramos possibilitam ao docente, mostrar aos seus alunos a presença de conceitos geográficos que se faz presente no seu cotidiano, essa contextualização acrescenta na sistematização do conhecimento a partir de realidades, realidades estas que, os diferentes sujeitos (alunos-professores) fazem parte.

Obra de maior sucesso do escritor alagoano, “Vidas Secas”, foi publicado em 1938. A história se passa no contexto do sertão nordestino, onde a apropriação para o “poder”



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

é percebida com a consolidação das influências de inúmeras famílias que alcançam uma posição de destaque no cenário político da região. A vida dos sertanejos, de luta, sofrimento e superações, diante de um cenário retratado em “Vidas Secas” vai além da trama romancista, uma vez que a busca de uma identidade no lugar conduz os personagens criados por Graciliano Ramos, a modificar o espaço, revelando uma nova paisagem geográfica. Assim, o autor, retrata a realidade por meio de narrativas através da linguagem regional.

A paisagem presente em “Vidas Secas”

Quando a sociedade se apropria da natureza, as transformações começam a surgir no espaço geográfico, isto quando o ser humano atribui novas maneiras de ocupação e utilização do espaço geográfico, o que segundo Santos (1988, p. 24) “é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas”. A paisagem pode ser estudada com base nos conceitos de: paisagem natural e paisagem cultural ou artificial. “A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano” (SANTOS, 1988, p. 23). A intensificação no uso das técnicas faz com que a paisagem deixe de ser apenas uma dinâmica natural e passa a ser também uma dinâmica social, pois o homem torna o principal atuante do meio ambiente.

A transformação da paisagem natural para paisagem geográfica remete há tempos históricos, desde que se iniciou a busca incessante de matéria-prima pelo homem no uso das técnicas que estavam disponíveis a eles, assim como atualmente no uso de técnicas mais avançadas esse processo está mais ativo, já em lugares onde ela não é empregada, o processo é mais lento.

Graciliano Ramos em sua obra “Vidas Secas” descreve a todo o momento a paisagem do sertão nordestino. A vegetação catingueira, a seca que castiga a região, o despovoamento, interferia na interação entre o homem e a natureza. Sendo “a paisagem humana uma combinação de vários tempos presentes” (REBORATTI apud SANTOS, 2006,



p. 67), nota-se que a relação entre o homem e natureza aconteceu lentamente na obra “Vidas Secas”, considerando a ausência de técnicas de criação e produção do meio.

Associa-se a obra literária de “Vidas Secas” com o estudo da paisagem geográfica no ensino de Geografia, de modo que o conceito de paisagem seja avaliado nos dois casos, ficção e realidade, ou realidade e realidade. Em “Vidas Secas”, a paisagem e suas classificações se comparam com os diferentes cotidianos presentes em sala de aula, refletindo as transformações da paisagem em um determinado lugar e num período de tempo, fazendo compreender também o motivo da estabilidade da paisagem natural em um lugar, enquanto em outros sua alteração é constante, podendo chegar a conclusão de que a paisagem se resulta da relação entre a sociedade e a natureza.

A leitura do texto de Graciliano Ramos evidenciam trechos que retratam um cenário peculiar de um sertão demarcado, onde a seca não é novidade no semiárido nordestino. Ao longo da leitura e a todo o momento, o autor procura destacar com bastante detalhe o cenário na vida dos personagens:

Planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (RAMOS, 1938, p.7).

Percebe-se como o autor enfatiza as características da paisagem do sertão por meio de uma linguagem habitual do sertanejo, isso é notado em: “planície avermelhada” “galhos pelados” e “catinga rala”, como também descreve a vegetação na ausência das chuvas em um ambiente onde o inverno parecia não existir. A utilização desses termos, os quais só são encontrados no sertão nordestino, faz com que a obra chegue cada vez mais próxima da realidade sertaneja. São visíveis o uso de termos específicos da linguagem sertaneja presente na obra: serra de cor “azulada”, simbolizando a chegada de mais um tempo difícil, além de expressões, como, “veredas”, “moitas” e “capões”.

Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. (RAMOS, 1938, p.56)



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

A paisagem da caatinga, vegetação típica do sertão nordestino, também é descrita por meio de uma linguagem um pouco “distorcida”, no entanto, era típico de uma obra regionalista, assim descrita: “A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas” (RAMOS, 1938, p.7). O vermelho indeciso, apresentado pelo autor, demonstra o calor intenso, o sol forte que era sinal de uma seca impiedosa, além das manchas brancas que anunciava a fraqueza dos animais diante da terrível situação do sertão.

O autor também descreve as condições em que se encontrava o solo da região sertaneja, muito notado nas passagens das andanças da família, e caracterizado na obra como: um solo pouco profundo, pedregoso e em grande parte, pouco fértil: “Pisou com firmeza no chão gretado” (RAMOS, 1938, p.18), Chape-chape. “As alpercatas batiam no chão rachado” (RAMOS, 1938, p.19). Percebe-se como o autor enfatiza a paisagem do sertão nordestino, demonstrando o quanto a seca modificava consideravelmente aquele cenário: “Os mandacarus e os alastrados vestiam a campina, espinho, só espinho” (RAMOS, 1938, p.118), sem dúvidas de que a fome e a sede chegariam para assombrar os retirantes, migrar pra outras terras era a única saída da família.

A interdisciplinaridade em “Vidas Secas”, uma contextualização para o ensino de Geografia

Associando a obra literária de “Vidas Secas” com o ensino de Geografia, de modo que aproxime o leitor (aluno) ao conceito de paisagem e como esta revela o modo de vida e diferentes comportamentos e reações diante do que o meio oferece, a linguagem literária, seja ficção ou realidade, relata fatos ou acontecimentos de um determinado tempo histórico. Muitas obras literárias quando não descreve a realidade tal como ela é, consegue chegar muito próximo, fazendo com que o aluno perceba e entenda o conceito de paisagem em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando a sua realidade com outras (BNCC, 2017).



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

Ciente de que a Literatura assim como a Geografia permite conhecer o mundo e o ser humano, o texto da BNCC (2017) para o Ensino Médio, expressa a importância do uso de diferentes linguagens no trabalho pedagógico, visando o desenvolvimento de competências:

Para fazer a leitura do mundo em que vivem com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas como Matemática, Ciência, Arte e Literatura. (BNCC, 2017)

Assim sendo, o professor pode inserir o uso da Literatura como proposta que ofereça aos seus alunos às diferentes formas de leitura de mundo, já que as narrativas literárias aproximam as realidades no processo de transformação de um determinado espaço, onde os alunos estariam conhecendo a linguagem literária e identificando com a mediação do professor características da Literatura regionalista, e os elementos que a constituem: o tempo, o espaço, e os personagens. Observando como um escritor regionalista descreve a vivência das pessoas na época diante da seca, utilizando elementos que constitui o cenário (estética) do sertão nordestino, o drama, a linguagem regional, entre outros permitem a compreensão da realidade descrita com aquela estudada pela Geografia, enquanto ciência.

Resultados e discussões

Com base nas leituras de textos e documentos, a atividade interdisciplinar pode ser incorporada ao trabalho docente especificamente de Geografia, de maneira a aproximar o aluno de outras linguagens para compreender e fazê-lo refletir-se como agente das transformações ocorridas no espaço geográfico.

A Literatura oferece ao aluno a possibilidade de ler o mundo por meio das narrativas, pois a linguagem literária regionalista descreve as realidades do sertão, onde o sujeito historicamente se manteve como modificador da paisagem geográfica. Para isso, foi escolhida a obra “Vidas Secas”, que retrata as modificações naturais e culturais que se



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

confundem no sertão de hoje em detrimento de um processo histórico desigualmente constituído no passado.

Considerações finais

Diante do exposto, é necessário repensar a prática docente a fim de inovar as metodologias em sala possibilitando ao aluno um ensino digno fazendo-o compreender o mundo por outras linguagens. Torna se importante uma prática pedagógica que cativa os alunos a conhecer as diversidades regionais. Isso é possível com a junção entre Literatura e Geografia, pois possibilita aos alunos observar o espaço, analisar e interpretar os fenômenos de cada região estimulando-os a pensar, conhecer o espaço em que vivem, e o espaço dos outros.

A linguagem literária tem o poder de incentivar a leitura e ao mesmo tempo possibilitar o aprendizado dos conceitos geográficos baseando no regionalismo da obra. Em “Vidas Secas”, é visível a representação do espaço e suas características, por isso é possível o professor realizar um trabalho interdisciplinar, pois a Literatura, segundo Pontuscka, Paganelli e Cacete (2009, p.236), “é igualmente modo de conhecer o mundo”, afinal, a Geografia deve dialogar com o mundo.

Referências

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília. Mec: 2000.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: Mec: 2017

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 9.ed.São Paulo: Cortez. 2006.

_____. **Didática**.2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

PONTUSCKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei: **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 69.ed. São Paulo: Record, 1995.

ROSA, Luciano Martins da; DIAS, Lis Cristine. **A Geografia e as concepções ambientais na leitura de “O Tempo e o Vento”**. Revista produção acadêmica – núcleo de estudos urbanos regionais e agrários/ NURBA Vol. 3, N. 2, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da Geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. **A Natureza do Espaço**: 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.